

**Nome: Silmara Malta Silva Rocha**

**E-mail: silmr11@ibest.com.br**

**Instituição: Falc – Faculdade da Aldeia de Carapicuíba**

**Curso: Pedagogia**

**Orientador: José João de Alencar.**

**Titulo: Leitura e desafios sobre o Livro Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar.**

### **Introdução**

Privilégio para mim, ser apresentada logo no primeiro semestre do curso de licenciatura Plena em Pedagogia, a este tão revolucionário Educador.

Paulo Freire consegue trazer a tona sentimentos contido dentro de nós, enquanto educadores adormecidos!

Trata a Educação com uma paixão contagiante, e desperta em nós uma urgência inexplicável de tornar-se parte deste processo de educar e transformar.

Professora sim, tia não, mexe com as entranhas do educador.

Leva-nos carta após carta, a reflexão.

Após essa leitura é impossível permanecer igual, inadmissível ter contato com as idéias aqui expostas, e não se sentir desafiado ao menos colocá-las em prática.

Parece utopia, uma educação, como esta aqui proposta, mas o que é utopia? Se não um sonho, difícil de ser realizado?

Nossa língua traz no significado desta palavra o seguinte enunciado:

**utopia** *sf* (*gr ou+topo<sup>3</sup>+ia<sup>1</sup>*) **1** O que está fora da realidade, que nunca foi realizado no passado nem poderá vir a sê-lo no futuro. **2** Plano ou sonho irrealizável ou de realização num futuro imprevisível; ideal. **3** Fantasia, quimera.

***“Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente” Paulo Freire***

**Primeira Carta – Ensinar – Aprender Leitura do Mundo – Leitura da Palavra**

O autor defende nesta primeira carta que ensinar e apreender estão intimamente ligados, um não existe sem o outro. Para ensinar é necessário saber, e saber só se consegue estudando, e estudando o professor aprende o que estudou para ensinar.

Chama a atenção do leitor para a necessidade da prática da leitura e da escrita.

Afirma que ***“Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante”, “... ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido”***. Paulo Freire

Mostra através de experiência pessoal na área da educação, que às vezes se faz necessário afastar-se do seu objeto de estudo para melhor compreendê-lo, ***“imersos na realidade de seu pequeno mundo, não eram capazes de vê-la. Tomando distância dela emergiram e, assim, a viram como até então jamais a tinham visto”***. Paulo Freire

Salienta a necessidade de aparelhar-se para melhor apreender, estudo requer ferramentas sem as quais o estudo será precário.

Professor que se contenta com o materialzinho básico fornecido pelo governo, gosta de ser reconhecido por sua mediocridade.

Todos os instrumentos que são usados para um melhor aprendizado, tornam o saber mais completo. Sabendo mais, ensina-se mais e melhor!

A compreensão do que se lê é resultado de perseverança, ***“A compreensão é trabalhada, é forjada, por quem lê, por quem estuda que, sendo sujeito dela, se deve instrumentar para melhor fazê-la”***. Paulo Freire

Logo, não existe compreensão para fracos, porque perseverar exige esforço.

Deixa claro que é necessária uma equivalência de níveis entre o conteúdo lido com o leitor, caso contrário a leitura será inútil. Porém,... se o conteúdo não estiver ao alcance de entendimento do professor, cabe a ele, utilizar das ferramentas já mencionadas para trazer o texto até seu entender.

Chama a atenção para equívocos que cometemos, como por exemplo, dicotomizar a leitura da escrita; segundo o autor isto revela o quanto nos achamos longe de uma compreensão crítica do que é estudar e do que é ensinar.

Ressalta que o interesse pela leitura e pela escrita deveria ser estimulado em nossas crianças durante todo o tempo de sua escolaridade. Se assim fosse, estudar não seria um fardo, ler seria um prazer e escrever seria consequência natural.

Paulo Freire, nessa primeira carta mostra aos professores que eles precisam sim se preparar para entrar em sala de aula, mas que acima de tudo tem que estar sempre abertos para um novo conhecer que será dividido, somado, através da convivência de professores e alunos. O professor tem que ter a humildade para rever tudo o que foi ensinado, repensar, e olhar seu ensinamento através da releitura atual do mundo, que esta sempre em movimento. Dessa forma o ensino se manterá vivo e dinâmico. A leitura da palavra é importante, mas a leitura do mundo que se esta inserido é fundamental.

O Professor precisa mostrar ao aluno que as barreiras da leitura e da escrita podem e devem ser vencidas, até que se tornem um prazer. Mais do que com palavras cabe ao professor, com seu testemunho de vida e prática, ensinar.

### **Segunda Carta – Não deixe que o Medo do difícil paralise você**

Paulo Freire coloca o professor e o leitor de um modo geral, frente a frente com seus medos e mais ainda, coloca o professor de cara com suas desculpas, as famosas explicações e justificativas que na maioria das vezes acha no outro, aqui no caso “o autor”, o grande culpado por seu fracasso diante de seu bloqueio no entender.

O autor, contudo desafia o leitor a superar esses medos, a dar a volta por cima e através da perseverança, e do aparelhamento, superar suas limitações.

Leva o leitor a procurar em si, um conhecimento que o torne capaz de fazer parte da leitura não apenas como leitor, mas como um crítico capaz de fazer uma releitura do mesmo, respeitando, obviamente o texto do autor.

Dessa maneira poderá passar para os seus alunos a dinâmica da leitura, fazendo com que eles não aceitem os textos que lhes são dados, como imutáveis, mas sim questionáveis. Levando-os ao debate permitindo o crescimento intelectual de si mesmo e do grupo.

***“É preciso, finalmente, que os educandos, experimentando-se cada vez mais criticamente na tarefa de ler e de escrever percebam as tramas sociais em que se constitui a linguagem, a comunicação e a produção do conhecimento”.* Paulo Freire**

Sociedade que lê alcança libertação, talvez seja por este motivo que o nosso governo investe tão pouco na leitura.

Quem lê pouco, escreve mal, enxerga mal. Fica fácil a manipulação da massa.

**Terceira Carta** – Vim fazer o curso do magistério porque não tive outra possibilidade

O autor fala de uma triste realidade da nossa cultura na área da educação.

Em nosso país desde áureos tempos, tem-se na profissão do professor, aquela que qualquer um pode exercer. Não sabe o que fazer? Está sem direção? Então seja professor.

Ele chama a atenção do leitor para o fato de que o magistério não pode ser encarado como ultima opção na vida de ninguém. Compara a “prática educativa com uma espécie de marquise sob a qual a gente espera a chuva passar”, e ainda “E para passar uma chuva numa marquise não necessitamos de formação”.

O ato de ensinar é muito mais do que isso, escolher a profissão de educador envolve responsabilidades que não podem ser encaradas com descaso.

O educador tem sob sua responsabilidade contribuir na formação do intelecto de cada um de seus alunos.

Freire chama a atenção para o peso do testemunho presencial que cada professor exerce sobre os alunos, levando-os a reconhecer o valor de sua profissão.

Para isso a necessidade de separar-se a professora da tia.

A professora, o professor, consciente de seu valor e de suas responsabilidades saberá lutar por salários mais dignos, e por melhores condições de ensino.

Motiva cada professor a se encher de coragem e lutar por seu ideal.

**Quarta Carta** – Das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas

Nesta carta, o autor diserta sobre qualidades consideradas necessárias para compor um educador, são elas:

- Humildade – com a qual o educador consegue olhar para os outros independentemente de suas diferenças sócio-econômicas, ouvindo assim a todos sem pré-conceito.

- Bom senso – que leva o educador a medir conseqüências antes de tomar atitudes das quais possa se arrepender.

- Coragem – condição sine qua non, para seguir o caminho da educação no Brasil. É necessária para enfrentar o autoritarismo disfarçado de democracia do governo. Sem ela não há luta, sem luta e mesmice impera e a democracia falece.

- Tolerância – virtude que nos ensina a aceitar o outro como ele é, nos ensina a conviver heterogeneamente.

- Capacidade de decisão – *“Decisão é ruptura nem sempre fácil de ser vivida, mas não é possível existir sem romper, por mais difícil que nos seja romper”.* Paulo Freire.

Esta virtude nos tira da apatia nos faz entrar em movimento.

- Segurança – exige do educador competência científica clareza política e integridade ética. Com ela o educador se situa dentro do processo da Educação.

- Parcimônia verbal – Fale o necessário – simples assim.

Segundo o autor é necessário estar habilitado com essas virtudes, movido por uma alegria de viver contagiante, para estar afinado e apto à luta permanente por justiça, para que os direitos sejam reconhecidos.

Ainda que pareça utópico encontrar educadores com tais virtudes, com tal dedicação, não se pode negar que a posição de Paulo Freire, traz ao leitor uma inspiração imediata.

Não se nega, porém, que o ato de ensinar só poderá acontecer com responsabilidade e exige do educador uma busca constante dessas virtudes, se este quiser exercer sua missão e engajar-se nessa luta por uma sociedade livre, feliz e democrática.

*...” é preciso que lutemos enquanto administração progressista contra as raivas endemoniadas dos retrógrados, dos tradicionais entre os auais alguns se julgam progressistas e dos neoliberais para quem a História parou neles”.* Paulo Freire

#### **Quinta Carta – Primeiro dia de aula**

De forma clara e criativa o autor fala sobre o “frio na barriga” do primeiro dia de aula.

Parte do pré-suposto que é esperado que haja medo e insegurança no primeiro contato professora x aluno.

Coloca a necessidade de se ter coragem para assumir esse medo, e a melhor maneira de fazer isso é encará-lo de frente, assumindo-o, usando de sinceridade com os alunos.

Essa sinceridade fará com que o professor se sinta cada vez mais confiante.

Freire coloca a importância do professor, olhar para seus alunos, como um texto a ser lido, compreendido.

Para isso, não se pode esquecer que este texto, tem um contexto social, cultural, que precisa ser conhecido para que se possa fazer a leitura com total compreensão.

Lembra da necessidade de aparelhar-se para ter melhor preparo.

Desta vez, para esta leitura, não serão necessários dicionários, enciclopédias, etc., mas será necessário como o autor diz: *“instrumentos menos fáceis de usar”*. Sita alguns: - bem observar, - bem comparar, - bem intuir, - bem imaginar, - bem liberar nossa sensibilidade, - crer (acreditar) nos outros, mas não demasiado no que pensamos dos outros. Afirma que: *“Precisamos exercitar a capacidade de observar, registrando o que observamos”*. Essa capacidade de observação e registro possibilitará ao professor conhecer o terreno no qual irá edificar seu trabalho.

Através dessa pesquisa, o professor poderá pautar sua maneira de agir, sua maneira de ensinar.

Para Freire, é necessário haver uma coerência entre o que é ensinado e o que é vivido.

O professor precisa passar essa segurança para seus alunos, uma confiabilidade que não deve ser quebrada.

### **Sexta carta – Das relações entre a educadora e os educandos**

Nesta carta Paulo Freire aborda a importância da confiabilidade que o professor precisa ter de seus alunos.

Há necessidade de coesão entre palavras e atitude, porque estas possuem repercussão imediata.

Segundo ele, quando a criança (educando) não vê essa coesão cria-se uma expectativa de sempre esperar pelo próximo erro da professora, e isso acaba com a sua imagem diante de seus alunos.

Freire reconhece a sensibilidade da criança em perceber se a professora faz o que diz, ou se diz o que não faz, “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”.

Quando não há essa verdade, a professora corre o grande risco de não conseguir impor-se como autoridade diante de seus alunos, e o resultado disso é desastroso, frustra-se o processo da educação.

Freire fala desta situação citando o testemunho vivido por ele mesmo enquanto adolescente, quando presenciou a fraqueza de seu professor diante de seus alunos.

Para ele, isso serviu de exemplo, do tipo de professor que ele não seria.

Um professor fraco que se deixava acuar por seus alunos.

Um professor assim, nos dias de hoje, morreria na primeira semana de aula.

Cabe ao professor de hoje manter-se compromissado a **“favor da justiça, da liberdade, do direito de ser.”**

É urgente a necessidade de ensinar aos alunos que há beleza em ser bom, honesto, ético.

Ajudá-los na formação de seus valores. A vida numa sociedade como a nossa, já se encarrega de incentivá-los do contrário.

Cabe ao educador fazer a diferença, como no exemplo dado por Freire da professora Madalena F. Weffort, que com amor, compromisso com a educação e com o próximo, mudou a vida da menina Carlinha, alcançando também sua família!

**“Sem intervenção democrática do educador ou da educadora, não há educação progressista”. Paulo Freire**

Faz-se necessário segundo o autor, que os educadores cômicos de sua competência se envolvam com seus educandos, tomando conhecimento da realidade social de cada um, para que assim possam conhecer realmente a situação socioeconômica de seus alunos. Desta forma se terá acesso à **“maneira como pensam, como sabem e o que sabem”!**

O educador pode tratar de qualquer assunto, desde que saiba usar a roupagem correta para isto.

Evidente que com muita cautela, e prudência, nos dias de hoje “todo cuidado é pouco”.

Apesar de não ser fácil, o educador não pode se deixar intimidar.

Paulo Freire coloca nesta carta o Educador, como o porta voz de uma classe que sua maioria deseja ser respeitada e viver de uma maneira digna.

Logo não há espaços para professores fracos, inseguros, que se deixam intimidar diante da “mão de ferro” do governo.

Há necessidade sim, de professores que tenham autoridade, segurança de valores, como justiça, ética, liberdade e democracia.

Esses valores devem estar arraigados na vida do professor, tanto pessoal como profissionalmente. Se assim for, seu testemunho, não falará alto...

Gritará!!

**Sétima carta** – De falar ao educando a falar a ele e com ele; de ouvir e educando a ser ouvido por ele

Início esta carta com os dois últimos parágrafos do autor:

*“Como educadoras e educadores não podemos nos eximir de responsabilidade na questão fundamental da democracia brasileira e de como participar na busca de seu aperfeiçoamento.*

*Como educadoras e educadores como políticos, fazemos política ao fazer educação. E se sonhamos com a democracia, que lutemos, dia e noite, por uma escola em que falemos aos e com os educandos para que, ouvindo-os possamos ser por eles ouvidos também.” Paulo Freire*

Se quisermos ter uma sociedade democrática, primeiro precisamos nos assumir como políticos e não apenas educadores.

Precisamos descer do muro, nos posicionar, só assim iremos participar do processo de transformação da sociedade.

Ter voz e dar voz! Isso precisa acontecer dentro das salas de aula, através desse processo o educador conseguirá fazer a leitura mundo de seus alunos com mais facilidade e eficácia.

O Educador que aprender a ouvir o aluno, terá muito mais chance de ser ouvido por ele.

Como diz Freire, é preciso ter humildade para saber que não sabemos.

Erra o educador que pensa ser ele o detentor da verdade, que julga ser dele a palavra final.

O diálogo é o exercício da cidadania, isso é defendido por Sócrates desde a antiguidade.

O diálogo leva o ser a pensar, ajuda na formação do cidadão crítico e por em prática o que se aprendeu com o diálogo, fortalece a vida em sociedade.

Freire nos ensina nesta carta o quão importante é saber ouvir, é ouvindo que se tem conhecimento do outro.

É ouvindo que se desperta no outro o desejo de também ouvir.

Entende-se, portanto, o falar *ao* e falar *com*, e o *ouvir* e ser por ele *ouvido*.

***“Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.” Paulo Freire***

**Oitava Carta** – Identidade cultural e educação.

Identidade cultural e educação. É possível educar sem olhar para essa situação com um olhar que busque coesão e compreensão das partes?

Para Freire, não.

Na oitava carta retoma algumas ideias já exploradas em cartas anteriores para que se entenda bem o que identidade cultural tem haver com educação.

Ele refala sobre a necessidade de se fazer a leitura do mundo social de cada aluno, da necessidade do educador tomar consciência de que Educação e Política não podem ser dicotomizadas, estabelece uma relação entre identidade cultural e educação.

Mais uma vez vem frisar que a opção política de luta por liberdade, justiça, ética e cidadania devem fazer parte da identidade do professor.

Se isso não estiver impregnado na vida pessoal do educador, fica quase impossível ser professor libertador, democrático, progressista.

Segundo Freire nossa identidade cultural, traz uma carga genética muito grande bem como carrega em si grande influência do meio que vivemos.

Faz um alerta ao professor, para que seja firme em sua postura. Nunca se colocando numa posição superior a dos alunos menos favorecidos, mas também não permitindo inferiorizar-se por alunos de classe mais alta.

Respeitar o aluno no seu contexto social exige dentre outras coisas respeitar a sua linguagem e o seu saber.

Transcrevo o parágrafo que para mim resume bem o que tento explicar.

***“Um dos desafios aos educadores e as educadoras progressistas, em coerência com sua opção é não se sentirem nem procederem como se fossem seres inferiores a educandos das classes dominantes da rede privada que, arrogantes, destratam e menosprezam o professor de classe média. Mas também, em oposição, não se sentirem superiores, na rede***

***pública, aos educandos das favelas, aos meninos e as meninas populares; aos meninos sem conforto, que não comem bem, que não “vestem bonito”, que não “falam certo”, que falam com outra sintaxe, com outra semântica e outra prosódia.” Paulo Freire***

Será que um dia chegaremos ao entendimento do que isso quer dizer, ao ponto de termos educadores exercendo essa prática?

### **Nona Carta – Contexto concreto - contexto teórico**

Primeiro entende-se o que é contexto concreto: Aquele, que, já está arraigado no nosso dia a dia, já o temos como hábitos, são cotidianos.

Quando agimos neste contexto não nos questionamos quanto ao fazer.

Se algo saiu da rotina (cotidianidade) automaticamente percebemos.

Já o contexto teórico nos chega a todo instante.

Somos influenciados pelo contexto cultural.

Freire ressalta a importância de procurar sempre harmonicamente unir contexto concreto e contexto teórico.

É impossível ensinar conteúdos sem saber como pensam os alunos no seu contexto real (contexto concreto), ou seja, como agem em suas casas, com seus amigos, enfim... em seu cotidiano.

O professor não pode desconsiderar as condições materiais em que seus alunos estão inseridos, isso faz toda a diferença dentro do contexto concreto de cada um.

É preciso estimular a leitura e a escrita, para isso o educador precisa usar a criatividade e lançar mão de todos os recursos a seu favor.

Freire deixa entendido nesta carta que a mídia está para a Educação. Cabe a cada educador, fazendo a leitura de seus alunos, unindo os contextos concreto e teórico, saber utilizá-la como ferramenta indispensável.

Despertando nos alunos o gosto pela leitura e prática da escrita, o professor estará elevando o nível da sociedade como todo. Porque é difícil viver a cidadania sem saber ler e escrever.

Para que este saber aconteça, é necessário um aprendizado a partir de textos, de frases, e não por meio de letras.

***“Desafiar o povo a ler criticamente o mundo é sempre uma prática incômoda para os que fundam o seu poder na “inocência” dos explorados”. Paulo Freire***

### **Décima carta – Mais uma vez a questão da disciplina**

Para Freire “ensinar não é transmitir conhecimento”.

Para que o ato de ensinar tenha êxito, precisa ser precedido pelo ato de aprender. Não se ensina o que não se aprendeu.

Através da leitura crítica, da prática da escrita de textos aliados a disciplina, há a possibilidade de um caminhar conjunto entre o aluno e o professor, onde ambos se tornam pesquisadores.

Esse caminhar, com liberdade, ajuda na construção do conhecimento mútuo.

Lendo e escrevendo, dando e recebendo conhecimento, pratica-se o exercício da cidadania.

Freire faz um apanhado geral de todas as ideias expostas nas cartas anteriores e encerra esta, com a expressão do seu desejo de se fazer ouvir.

Muitas são as frases tocantes nesta última carta, mas quero destacar uma:

***“Não se recebe democracia de presente. Luta-se pela democracia”. Paulo Freire.***

### **Últimas palavras – Saber crescer – tudo a ser**

Para saber é preciso crescer. ***“Não é possível saber sem uma certa forma de crescimento. Não é possível crescer sem uma certa forma de sabedoria.”***

O saber é um processo social e ao mesmo tempo individual.

Segundo Freire crescer faz parte da experiência vital do ser.

***“Que o saber tem tudo a ver com o crescer, tem. Mas é preciso, absolutamente preciso, que o saber de minorias dominantes não proíba, não asfixie, não castre o crescer das imensas maiorias dominadas.” Paulo Freire***

### **Considerações finais**

Ousar ensinar é tão grande quanto aprender. porque quem não aprende não ensina.

Fica bem entendido o pensamento filosófico aqui descrito

***“Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque***

***observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para aprender o ensinando-se, sem o que não aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos.” Paulo Freire.***

O professor aprende constantemente, porque toda vez que se prepara para ensinar, repensa tudo aquilo que aprendeu, para novamente poder ensinar.

Essa magia acontece a todo professor que se entrega com paixão a arte de aprender para ensinar.

Cabe ao professor estar atento às oportunidades de novos caminhos para velhos ensinamentos.

Caminhos estes que são trazidos pela curiosidade dos alunos. O Professor que se despe de seus pré-conceitos, de seu autoritarismo, de sua falsa superioridade, cresce de maneira única, porque se permite aprender em todos os momentos que ensina.

Ao professor cabe a tarefa de se preparar sempre, de conhecer o que ensina para ensinar com propriedade e não como aventureiro, despreparado.

Seu preparo, a busca pelo conhecimento tem que ser uma constante.

Respeitando seus alunos independente da classe social de cada um, ao mesmo tempo sabendo se impor, não se deixando achacar, por alunos de classes sociais mais elevadas.

Que possamos nos tornar professores e professoras cômicos de nossa responsabilidade, comprometidos com o Educar.

Ensinando e aprendendo a cada dia, com a humildade e sabedoria dos grandes filósofos, dos grandes estudiosos, e dos incríveis educadores que norteiam nosso processo de formação.

***“Ensinar não é transmitir conhecimento.”***

Sobre o autor:

**Paulo Reglus Neves Freire** nasceu no Recife, em 19 de setembro de 1921 e faleceu em São Paulo, no dia 2 de maio de 1997.

Sua história de vida é marcada por três períodos, caracterizados por desiguais referências de espaço e tempo. As etapas em que se divide a biografia de

Paulo Freire são o Tempo de Recife, o Tempo de Exílio e o Tempo de São Paulo.

*“Eu gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida.” Paulo Freire*

### **Bibliografia**

Livro:

Freire. Paulo. Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho d’água, 1997. 84 p.

<http://www.paulofreire.ce.ufpb.br/paulofreire/>

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=utopia>